

Sobre Aquém do Eu, Além do Outro
de Leyla Perrone-Moisés

Haquira Osakabe

Falar de Fernando Pessoa nunca é excessivo. Ao contrário, a aparição de uma nova obra sobre o poeta tem sempre potencialmente o dom de repor seu "caso", revolvendo idéias só aparentemente assentadas. Aquém do Eu Além do Outro de Leyla Perrone-Moisés, (1) situa-se nessa tendência geral, mas com o risco peculiar de fazer cair sobre si a mesma "anuência morna" que a autora sentia a respeito de F. Pessoa nos meios literários em 1973, quando deu início a seu livro. As razões desse risco são inúmeras e pelo menos três delas parecem-me claras.

Em primeiro lugar, tanto o referido Poeta quanto a literatura portuguesa em geral tornaram-se há já algum tempo no Brasil corpos estranhos tanto para a crítica quanto para o grande público. Catalogada e fixada até o início do século, toda questão relativa

Haquira Osakabe é professor do Departamento de Teoria Literária do IEL.

à literatura portuguesa tem aparecido em nosso país como uma excrescência ou como exotismo.

Em segundo lugar, o autor tratado, tem sido considerado por consenso um "clássico" a mais em língua portuguesa e, como tal, confinado à categoria dos monumentos cujas contradições mais profundas, sobretudo as políticas, não autorizam revolvimentos mais agudos.

Em terceiro lugar, a autora assume duas perspectivas teóricas básicas cuja consistência explicativa em termos de fenômenos literários são ainda vistas sob reserva: a psicanálise lacaniana e a filosofia Zen.

A primeira das razões decorre de uma atitude de redução cultural, remanescente de reivindicações nacionalistas do passado e que, via de regra, ao postular a autonomia da literatura brasileira em relação à portuguesa, acabou por cingir esta última à condição de caudatária de nossa produção literária, esquecendo-se de que tal autonomia supunha na origem um desenvolvimento autônomo também da própria literatura portuguesa. Resulta daí que F. Pessoa seja tido hoje no Brasil como um dos derradeiros escritores portugueses dignos de consideração e também que o chamado Modernismo Brasileiro continue sendo uma bandeira de luta ainda atual. Nesse contexto, um livro escrito no Brasil em 1982 sobre um autor português só poderia configurar-se como um trabalho fora de propósito, "interessante lá mas não aqui".

A segunda das razões é mais delicada pois mexe com certos pressupostos que a própria condição pes

soana de monumento literário tende a elidir. A faceta política de Pessoa coloca inúmeros problemas para a ligação entre literatura e sociedade, para as discussões relativas às funções sociais da poesia, discussões essas que, aprofundadas, podem convulsionar a monumentalização de Pessoa, talvez montada sobre um silêncio nem sempre saudável.

A terceira das razões concerne diretamente aos instrumentos consagrados ou estigmatizados pela Crítica. Leyla Perrone trabalha em seu livro com um instrumental que tem um efeito de modernidade "suspeita": tanto Lacan quanto a filosofia Zen são referenciais até certo ponto modernos e têm sido associados com frequência a trabalhos críticos nem sempre consistentes. De fato, a denominada "salada francesa" (mistura pouco sutil de Freud, Lacan, Lietzch, Foucault, Zen, Marx, Engels) engendrou um certo tipo de crítica que acabou comprometendo perspectivas teóricas bastante fecundas. As reservas que normalmente se fazem a Lacan, por exemplo, se devem sobretudo a uma utilização inconsistente e mal digerida de suas idéias, em geral hauridas de terceira mão. Se as reservas são portanto justificadas nesse caso, pouco prudente são elas no que concerne a uma apropriação mais consequente cuja função colateral reside numa ampliação dos próprios instrumentos da crítica.

O livro de Leyla Perrone-Moisés merece, pois, uma atenção mais pormenorizada tanto pela qualida

de e arrojo de suas reflexões quanto pelo fato de enfren-
tar ao mesmo tempo o risco do silêncio ou da incompreen-
são que as três razões apontadas podem determinar. E se
alguma contestação ele merece, essa contestação se deve
ao caráter provocador e estimulante das idéias nele
contidas.

Concentrando-se na questão do drama hete-
ronímico e nas suas decorrências estéticas, a perspecti-
va central de Leyla Perrone situa-se nos postulados fun-
damentais de Lacan no que diz respeito ao conceito de su-
jeito, definido como "o lugar vazio no discurso do Ou-
tro" emergindo na medida em que, nesse discurso, surge o
significante.(2) "Exatamente por esse fato, isso- que não
era senão um sujeito futuro- imobiliza-se em significan-
te"(3) isto é, numa entidade que só se inteira com outro
elemento de um sistema metafórico (a própria linguagem)
em que pretende presentificar-se, mas só consegue indi-
ciar-se como ausência. Segundo a autora, a multiplicação
heteronímica se deve tanto à instabilidade essencial do
Eu, quanto ao desejo de se ser um Eu mais consistente. O
que significaria que sujeito e desejo se resumem em fal-
tas essenciais; em outros termos, na acepção mais rigoro-
sa dessa palavra, o desejo integra essa falta, digamos,
metafísica que institui o sujeito. Assim, rebatendo a te-
se da abundância, para a autora os heterônimos resulta-
riam não do excesso mas daquelas faltas primordiais que
se preencheriam pela via do imaginário ("o conjunto de

representações que o sujeito cria para tapar o buraco imaginário, para ocultar sua falta de ser e absorver a frustração do desejo") (4). Discutindo a questão básica de Pessoa (heteronímia versus discurso poético) a autora chega a conclusão de que tal como o discurso imaginário "o discurso poético retém e imobiliza o desejo e vanescente..., mas diferentemente já que a linguagem poética, ao mesmo tempo, goza com seus fantasmas mas reconhece-os como tal (5). E mais: "se a neurose é vítima de uma captura imaginária"..., "o poeta realiza uma captura do imaginário"(6). Os eus pessoanos resultam desse esforço imaginário de preenchimento e como múltiplos, só podem ser acolhidos por um vazio original.

De maneira prudente, a autora retoma de Lacan o princípio básico da constituição do sujeito, esclarecida pelas próprias formulações do poeta, observando que não se trata de explicar psicanaliticamente Pessoa, mas de uma compreensão do Poeta pela conjunção mutuamente esclarecedora de Lacan e Pessoa, conjunção ou interlúdio de conhecimento em que se situa o discurso da referida crítica. Retornando às colocações anteriores, é do movimento que articula o sujeito-vácuo e o desejo que resultariam as entidades plenas e ao mesmo tempo imaginárias que são as ficções heteronímicas: a ficção da defesa ("ele mesmo"), a ficção da renúncia (Ricardo Reis), a ficção da loucura (Álvaro de Campos), ficções que se debatem em tensões interiores e às quais se oporia a fic-

ção da reconciliação (Alberto Caeiro). Todo o capítulo final do livro é dedicado a esse último heterônimo, concentrando-se não só nos propósitos essenciais da via por ele proposta, mas na formulação estética dessa mesma via. A autora descobre em Caeiro uma atitude similar à do Zen, sabedoria que se formula numa existência cotidiana harmônica e que dissolve as contradições fundantes das angústias do homem ocidental (corpo-espírito; aquém-além; prazer-dor). E não seria por acaso que a própria atitude discursiva de Caeiro se assemelhasse à atitude que emana dos mestres do Haikai, salvaguardadas todas as diferenças de estilo. Colocado em confronto com os demais heterônimos, Caeiro é o Mestre cuja palavra restitui a tranquilidade, "esperança ofertada a nós outros" (7).

É certo que esta exposição resumida não repõe devidamente o fino raciocínio com que a autora argumenta e consubstancia suas hipóteses, mas serve a nós para apontar para sua riqueza. O livro de Leyla Perone é uma tentativa bem realizada e ao mesmo tempo arrojada de estabelecer um equacionamento da questão da heteronímia pessoana, assumindo a pluralidade desta, sua instabilidade e suas contradições. A questão de uma possível unidade coesa fica no plano de um pressuposto pouco relevante para os problemas quer filosóficos quer estéticos de que trata a autora e constitui um resíduo dificilmente resolvível - segredo que, aliás, nenhuma teo-

ria teria condições de resolver. No entanto, outros resí-
duos importantes parecem ficar a descoberto na discussão
de Leyla Perrone. Um deles é o "problema" Bernardo Soa-
res e o outro se desdobra em duas faces de uma mesma moe-
da: aquela que concerne ao ocultismo e aos escritos polí-
cos. Começemos pelo último.

Lembra com justeza a autora: "as posições
políticas de Pessoa são inseparáveis da experiência sub-
jetiva da heteronímia e da experiência social da margina-
lização... É a força heterônica do poeta que perturba sem-
pre as colocações racionais de Pessoa"(8). De fato a for-
mulação parece-me perfeita e, dentro dessa perspectiva é
possível inclusive admitir-se a fascinante hipótese de
que um outro heterônimo falaria sob os discursos políti-
cos. Aliás, Joel Serrão (9) chega a apontar nitidamente
esse heterônimo como um "D. Sebastião", com base espe-
cialmente, nas notas do próprio Fernando Pessoa sobre as
profecias de Bandarra. Ocorre que essa hipótese não da-
ria conta dos escritos "políticos" em poesia (no caso,
Mensagem) em que fica clara a intenção do Poeta de se
configurar como um dos Avisos seguindo Bandarra e Viei-
ra. De qualquer forma, esse heterônimo (chamemo-lo provi-
soriamente Pessoa-Oculto) estaria radicalmente à direita
e à esquerda de um centro de equilíbrio oscilando entre
a razão e o delírio. Aparentemente bipartida, no entan-
to, essa faceta pessoana na verdade assenta-se sobre uma
unidade profunda fornecida pelo Oculto (10). O ser polí-

tico de Pessoa (Profeta ou o próprio D. Sebastião) fala de dentro de um intervalo entre a História e o sonho na condição de criador de mitos, inclusive de seu próprio (como é o caso do Supra-Camões, uma das condições dos tempos novos lusitanos. (11) Aqui se abre uma brecha interessante de diálogo com o texto de Leyla Perrone para quem o Oculto não deixa de ser também uma forma de ocultação. Na verdade, essa faceta (mística ou política, ou ambas) aparece como algo tão oposto a Caeiro que acaba por se aproximar desse enquanto atitude. Pois, se de um lado, apregoa sempre a instância de um além das coisas, perturbando o papel balsâmico da "reconciliação" de Caeiro, o Oculto se propõe na verdade como via alternativa para o conflito heteronímico - numa aceitação da totalidade vivente apenas enquanto sinal de um parâmetro cósmico. Inserindo-se no plano da crença mais do que no da certeza, o Oculto é uma espécie de Mestre alternativo, menos Zen, mais neoplatônico, alterando o fluxo da História para o plano do mito e do sonho, onde praias iniciáticas contornam as ilhas afortunadas. E sua resposta vem complementar no plano social e político a resposta existencial de Caeiro. Utopia aristocrática, o Portugal pensado por ele é o império da cultura e do pensamento. Utopia totalitária, esse mesmo Portugal se nega ao múltiplo e se prevê como o reino do Uno, espelhando-se nesse caso em qualquer dogmatismo político. O projeto pessoano de Portu-

gal oscila desse modo entre duas atitudes rigorosamente opostas que podem ser resumidas num paradoxal Portugal -apesar-da História, cuja certeza o Poeta constrói na crença afirmada de uma Hora em que, dissipada a névoa, se recomponha a Unidade cristalina de um "topos" radicalmente portugueses e radicalmente cósmico. Tal crença se alimenta da "voz que vem no som das ondas/ que não é a voz do mar"(12) e parece unir tanto o poeta dos Passos da Cruz, quanto o de Mensagem e quanto o da prosa política.

Assim, se Caeiro constitui a "reconciliação" no domínio de uma ontologia rigorosa que desqualifica questões existenciais, o Oculto dispõe sua resposta no plano do futurível para onde marcha fatalmente a anti-história que determina do "destino" do Cosmos. Tudo se justifica (inclusive a própria História) como trajeto iniciático e simbólico em que Deus se projeta "sonho escuro/e breve"/(13). Decorre desse confronto a possibilidade de se pensar uma espécie de dualismo de raiz a sustentar os dramas ou hetero-dramas do poeta e que aponta para indagações e angústias distintas: as de natureza política e as de natureza existencial. Se Caeiro responde a estas últimas, é visionário - Oculto quem responde às primeiras. O ponto que distingue as respostas reside na ordem em que se dispõe o tempo das respostas: em Caeiro, o presente eterno do ser; em Pessoa - Oculto, o futuro fatal. Conjugando ambos está o postulado do Uno, que se em Caeiro cumpre o papel de reconciliação de par

tes em tensão, em Pessoa-Oculto cumpre o papel de uma unidade orgânica que na visão esotérica poder-se-ia de nominar cósmica. É como se às angústias políticas de um Portugal decadente, nas quais mergulhava a inteligência portuguesa da época, essa ficção política pessoana tentasse responder à sua moda, substituindo as contradições humanas pelo mito, os descaminhos da História por um Destino transcendente e sobretudo a desesperança pela expectativa - o presente pelo futuro. É justamente nessa tarefa que Pessoa acaba por assumir toda uma carga de hiper-responsabilidade que se, em poesia deu uma obra como Mensagem, em Política resultaria numa visão caolha do corpo social, uma espécie de corpo elidido de sua própria concretude. No entanto, se a resposta política colide com as contradições sociais mais flagrantes e com os rumos da História, deve-se admitir que ela acaba por explicitar uma vertente de pensamento cujo vigor ou vitalidade na tradição portuguesa não é de todo desprezível. Resta saber como e por que ocorre esse fato. Essa tarefa remeteria necessariamente a uma reinterpretação de Pessoa (e não só o Oculto) na perspectiva de sua cultura bem como a uma revisão da própria cultura à luz desses sintomas que, via de regra, são obliterados.(14)

O segundo resíduo parece-me mais problemático para as idéias de Leyla Perrone, no sentido de que pode-lhe "jogar mais lenha na fogueira". Trata-se, como já se disse anteriormente, do problema "Bernardo

Soares" sobre cujo Livro do Desassossego afirmaria Jacinto do Prado Coelho: "A cada passo entrelemos no Livro em suas palavras e interstícios, além de outros textos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, os poemas do Cancioneiro, o Fausto fragmentário, os apontamentos das Páginas Íntimas), um texto diferente, tecido de dados de que dispomos sobre o Pessoa da biografia e o seu drama, a um tempo escondido e revelado pelas várias personae"(15). Como se vê a sugestão de Jacinto do Prado Coelho vai na trilha das pistas fornecidas pelo próprio poeta. "É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade" ou ainda "o meu semi-heterônimo que aliás em minhas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de ambição"(16). A essa diferença qualquer indicada pelo poeta, o conceituado crítico português propõe uma espécie de equação de falsa diferença ao afirmar que "de tal modo Fernando Pessoa se mudou para a literatura, se substituiu pelo que inventou, que chegou a fingir ser em Bernardo Soares o que ele próprio era... -A sua identidade reside na sua ausência".(17) Essa ausência, entenda-se, é ambígua porque é uma presença, isto é, aquilo que por artimanha, amplificação ou disfarce, aponta para uma identidade inquestionável. E, nesse aspecto, ao "vácuo" se sobrepõe

uma espécie de plenitude enigmática que resta discutir. A trilha da natureza ficcional dos heterônimos e do ortônimo parece encontrar aqui seu ponto de resistência. Se Bernardo Soares fala de sua identidade. ("Reconheço que sou o mesmo que era") (18), fala ele dessa identidade como vazada de múltiplos ("cada um de nós é vários") (19). Se Fernando Pessoa-ele-mesmo era uma "ficção da defesa", que tipo de ficção se imagina nesse caso? Talvez a solução seja a de se pensar que Bernardo Soares tenha sido para Pessoa, uma ficção de si mesmo. E aí a questão do sujeito se dispõe numa lógica vertiginosa: Bernardo Soares é o Outro (que se instaura pelo Outro que é a linguagem) mas é também o Outro que se diria ele-próprio deslocado: logo, não vazio mas múltiplo. Por outro lado, a se aceitar rigorosamente uma hipótese como a de Leyla Perrone, poder-se-ia afirmar que, nesse caso, a ficção resulta desse mesmo deslocamento. No entanto, lembremos que se trata de um semi-heterônimo, logo, de uma semi-ficção. Como se explicar uma entidade plena que seria parte de um todo vazio, se essa entidade é apenas uma semi-entidade?

A saída (?) para a questão poderia estar sugerida em Mensagem pela "equação": "a vida/metade de nada". O que em outras palavras, é apenas um convite para visitar o Poeta e retornar à leitura do livro de Leyla Perrone-Moisés.

NOTAS:

- (1) Publicado em São Paulo pela Editora Martins Fontes, 1982.
- (2) Leyla Perrone-Moisés - op.cit., pag.79.
- (3) Lacan - citado pela autora: pag.79.
- (4) Leyla Perrone-Moisés - op. cit., pag. 81.
- (5) Idem - pag. 87.
- (6) Idem - pag. 87.
- (7) Idem - pag. 159.
- (8) Idem - pag.107.
- (9) Joel Serrão - "A busca pessoana do sentido de Portugal". No livro de F. Pessoa. Sobre Portugal-introdução ao problema nacional. (recolha de textos: Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Mourão) Lisboa, Ática, 1978.
- (10) A esse respeito v. Dalila L. Pereira da Costa. O Esoterismo em Fernando Pessoa Porto, Lello & Irmão, 1971 (em especial o capítulo VI intitulado "A aventura espiritual da Pátria").
- (11) Trata-se da segunda das condições da instalação do Império de cultura - vaticinado por Pessoa. v. Joel Serrão - op. cit., pag. 52/53.
- (12) Fernando Pessoa. Obra Poética. Rio, Aguilar, 1965, pag. 85.
- (13) Idem - pag. 82.
- (14) Nesse sentido de leitura recente do instigante artigo de Eduardo Lourenço - "Psicanálise mítica do

destino português" publicado em Raiz e Utopia .
1978.

- (15) Jacinto Prado Coelho. "Fernando Pessoa sempre existiu" 13 prefácio ao Livro do Desassossego. (recolha e transcrição de textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha.) Lisboa, Ática, 1982. pag. XX.
- (16) F. Pessoa cit. por Jacinto do Prado Coelho. Idem - pags. XI e XII.
- (17) Jacinto do Prado Coelho pag.XXII.
- (18) F. Pessoa - Livro do Desassossego - pag.25.
- (19) Idem - pag.23.